

# JUSTIÇA & CIDADANIA<sup>®</sup>

Edição 179 • Julho 2015

A portrait of Minister Marco Aurélio, an older man with grey hair, wearing a dark pinstriped suit jacket, a light blue shirt, and a purple and blue striped tie. He is looking directly at the camera with a neutral expression. A gold pin is visible on his lapel.

**MINISTRO MARCO AURÉLIO  
25 ANOS NO STF**

Editorial: ONDE OS DIREITOS HUMANOS E AS GARANTIAS CONSTITUCIONAIS?



Mario Miranda Filho/Agência Foto

# Ministro Marco Aurélio, juiz de verdade

Carlos Mário da Silva Velloso

Ministro aposentado  
Membro do Conselho Editorial

**P**ede-me o jornalista Orpheu Santos Salles, cujo idealismo e acendrada dedicação à Justiça os anos não conseguiram abater, uma página com um depoimento sobre o Ministro Marco Aurélio. Faço-o com prazer e júbilo.

Conheci o Ministro Marco Aurélio nos anos 1980, quando ainda era ele ministro do Tribunal Superior do Trabalho (TST). Eu integrava, à época, o Tribunal Federal de Recursos, o velho TFR, sucedido pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ). Amigo do Ministro Coqueijo Costa, do

TST – morávamos, em Brasília, no mesmo prédio – dele ouvia referências elogiosas a Marco Aurélio, seu colega, homem inteligente, juiz independente, que primava, segundo Coqueijo, por adotar posições de vanguarda, progressistas. Pouco tempo depois, fomos, Marco Aurélio e eu, colegas na Universidade de Brasília (UnB).

Em 1990, o presidente Fernando Collor, que acabara de empossar-se no cargo, devendo indicar dois nomes para o Supremo Tribunal Federal (STF), resolveu buscá-los em dois tribunais superiores, o TST e o STJ. Consultados ambos os tribunais, Marco Aurélio e eu fomos nomeados, depois da sabatina e aprovação do Senado, juizes da Corte Suprema. Tomamos posse na mesma sessão solene, no dia 13 de junho de 1990, sob a presidência do ministro Néri da Silveira, presente o Presidente da República.

Lá se vão vinte e cinco anos. Há nove anos, em 2006, fui apanhado pela compulsória. Continuei no magistério e passei a advogar, encarando a advocacia como missão, tal como recomenda o advogado e professor René Ariel Dotti. Marco Aurélio continua honrando a cátedra da Suprema Corte brasileira. E vai continuar a fazê-lo pelo menos por mais cinco anos, já que felizmente foi aprovada a Emenda Constitucional que fixa em 75 anos de idade a aposentadoria compulsória dos ministros.

No Plenário e na Turma, não foram poucas as vezes que divergimos, em debates intensos e extensos. Marco Aurélio, um juiz liberal, não se importava de ficar vencido, esforçando-se por ser juiz garantista, no sentido amplo do termo, atento, ademais, à advertência do Quixote: *“Cuando pudiere y debiere tener lugar la equidad, no cargues todo el rigor de la ley al deliciente, que no es mejor la fama del juez riguroso que la del compassivo”*.

Em diversos julgamentos, ficou ele solitariamente vencido. Mas tivemos oportunidade, também, de ficarmos juntos, vencidos ambos, como, por exemplo, no conferir concretude ao mandado de injunção, ou no impedir a prisão de devedores equiparados a depositários infieis, votos hoje vencedores. Certo, entretanto, eu não conseguia compreender a garra de Marco Aurélio em arrostar a maioria da Corte, a fim de manter os seus pontos de vista. Felizmente, as divergências ficavam no campo das ideias. Fora do plenário, predominava a camaradagem.

Considero importante registrar que somente após deixar o cargo, já na advocacia, é que pude bem compreender o Juiz Marco Aurélio. Passei a viver o dia a dia do advogado. A conviver com o sofrimento daqueles que, pobres e ricos, são levados à barra dos

“Foi preciso que eu mudasse de lado e, na cátedra da liberdade, como advogado, pudesse bem compreender o Juiz Marco Aurélio.”

tribunais. A ouvir as lamúrias dos colegas. Mas também a presenciar a alegria destes diante do resultado favorável de um julgamento. Muita vez a questão é levada, com tropeços e lágrimas, até ao STF. E na Corte Suprema é que o infeliz, seja no campo cível, seja na área criminal, tem substituídas as suas lágrimas pelo sorriso. E quantas vezes a decisão ou o voto que transformou lágrimas em sorrisos é do ministro Marco Aurélio, fiel à sentença do Quixote, nosso herói, que invoco novamente: *“hallen en ti más compasión las lagrimas del pobre, pero no más justicia, que las informaciones del rico”*.

Foi preciso que eu mudasse de lado e, na cátedra da liberdade, como advogado, pudesse bem compreender o Juiz Marco Aurélio, o ministro que, com honra e lustre, celebra, com o aplauso dos homens do seu tempo, o seu profícuo jubileu de prata na Corte Suprema brasileira.

Salve, Ministro Marco Aurélio Mendes de Faria Mello!